

# VARIAÇÃO DO PENSAMENTO E MÁQUINAS DE EXPRESSÃO

Laisa B. O. Guarienti<sup>1</sup>

**Resumo:** É através do olhar da pesquisadora, de suas vivências enquanto aluna e professora e supervisora e auxiliar de classe que apresento um emaranhado de histórias para fugir das linguagens convencionais apresentadas sobre déficit de atenção e ou hiperatividade e cotidiano escolar e assim, invento um enredo sob outra via, uma via que não quer medicar, que não quer analisar, que não psicologizar, que não quer culpar, que não quer pedagogizar. Quer deixar fluir pensamentos potentes que acontecem todo o tempo dentro das salas de aula, quer dar atenção aos outros modos de expressão do pensamento, quer enxergar isso de perto, e com os alunos, pensar em estratégias para que, o que apontam como incapacidade de aprender se torne em uma aprendizagem inventiva e significativa para si, criando com isso máquinas de expressão para coabitar o ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Variação; pensamento; máquinas; expressão; escola.

## Fluído I: sensação

“Era tarde da noite quando K. chegou. A aldeia jazia na neve profunda. Da encosta não se via nada, névoa e escuridão a cercavam, nem mesmo o clarão mais fraco indicava o grande castelo. K. permaneceu longo tempo sobre a ponte de madeira que levava da estrada à aldeia e ergueu o olhar para o aparente vazio.

Depois caminhou à procura de um lugar para passar a noite; no albergue as pessoas ainda estavam acordadas, o dono não tinha quarto para alugar mas, extremamente surpreso e perturbado com o hóspede retardatário, propôs deixá-lo dormir sobre um saco de palha na sala e K. concordou. Alguns camponeses ainda estavam sentados tomando cerveja mas ele não queria conversar com ninguém, pegou pessoalmente o saco de palha no sótão e deitou-se perto da estufa. Estava quente ali, os camponeses quietos, ele os examinou ainda um pouco com os olhos cansados e em seguida adormeceu.

Mas pouco tempo depois já foi despertado. Um jovem, em trajes de cidade, rosto de ator, olhos estreitos, sobrancelhas fortes, encontrava-se ao seu lado com o dono do albergue. Os camponeses também ainda estavam lá, alguns tinham voltado suas cadeiras para ver e ouvir melhor. O jovem desculpou-se muito cortesmente por ter acordado K., apresentou-se como filho do castelo e depois disse:

– Esta aldeia é propriedade do castelo, quem fica ou pernoita aqui de certa forma fica ou pernoita no castelo. Ninguém pode fazer isso sem permissão do conde. Mas o senhor não tem essa permissão, ou pelo menos não a apresentou.

K. tinha erguido a metade do corpo, alisando os cabelos para trás com os dedos; olhou os dois de baixo para cima e disse:

– Em que aldeia eu me perdi? Então existe um castelo aqui?

– Certamente – disse o jovem devagar, enquanto aqui e ali alguém balançava a cabeça em relação a K. – O castelo do senhor Westwest.

– E é preciso ter permissão para pernoitar? – perguntou K. como se quisesse se convencer de que não tinha por acaso sonhado com as recentes informações.

– É preciso ter a permissão – foi a resposta e havia um desdém grosseiro por K. quando o jovem, com o braço esticado, perguntou ao dono do albergue e aos fregueses: – Ou será que não é preciso ter permissão?

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia da Educação / Unicamp e bolsista Fapesp. E-mail: [batupre@gmail.com](mailto:batupre@gmail.com).

– Então eu tenho de ir buscar uma permissão – disse K. bocejando e empurrou a coberta como se quisesse levantar-se.

– Sim, mas de quem? – perguntou o senhor jovem.

– Do senhor conde – disse K. – Não resta outra coisa a fazer.

– Agora, à meia-noite, buscar a permissão do senhor conde? – exclamou o jovem e recuou um passo.

– Isso não é possível? – perguntou K. impassível. – Por que então me acordou?”<sup>2</sup>

### **Máquinas e variação**

e no meio da aula, uma aula um pouco chata, diga-se de passagem, pensei em sair de lá. Já que não podia sair fisicamente, pensei simplesmente em desconectar meus pensamentos em uma coisa, e fixar em outra. Aí não vão poder falar que tenho déficit de atenção. Como podem se só desviei minha atenção em outra coisa que não ao conteúdo que a professora estava tentando me ensinar. Estudar os mapas do Brasil é muito chato, pintar eles então, pior ainda! Pra que isso? Onde tem geografia pintando os mapas? Me dá uma dor na mão, me canso, logo desisto e quero fazer outra coisa, obvio! Queria caminhar por aí e ver a geografia viva não numa folha branca que pinto e fica toda rabiscada pior do que o branco. Queria ver esses rios escorrerem pela palma da minha mão, sentir essa água dentro da minha boca, ouvir as corredeiras da cascata do Iguazu de perto, lá onde caem os pinguinhos de água em mim. Sair da sala de aula, andar por aí. Mas não me deixam. Tenho que ficar aqui. Sentado, calado, ouvindo e escrevendo, ou pintando. Tenho quinze minutos para fazer coisas que gosto e ainda assim sou vigiado por um supervisor que fica ziguezagueando pelo pátio na hora do recreio. Até se vou ao banheiro durante a aula, lá está ele me olhando, cuida atentamente todo escape. Não posso nem dar uns pulinhos pelos corredores para espreguiçar o esqueleto, pois lá está ele. A diretora vez que outra passa pelo corredor observando a ação de todos. Percebo que o professor muda a postura, fica mais rígido. No decorrer da aula peço para beber água e sou impedido, espero alguns minutos. Enquanto isso pego minha tesoura e raspo toda minha mesa, retiro toda primeira camada e deixo ela toda rugosa, mudo a configuração da mesa e destruo ao mesmo tempo a sala de aula. Aproveito os farelos que ficaram sobre a mesa e assopro no cabelo da menina que senta na minha frente. Rio sozinho. O restante dos farelos jogo no chão. Ela percebe e olha para trás. Rapidamente pego a caneta e finjo escrever. Ela bufa pelo nariz e balança os cabelos. Desenho um pouco no caderno, pico papel, faço bolinhas com ele e jogo no chão, levanto e levo o restante no lixo, aproveito a ocasião e pergunto para o professor se posso ir ao banheiro, ele deixa. Aproveito e levo meu celular. No vaso sanitário da escola permaneço uns sete ou dez minutos jogando, também faço xixi e não lavo minhas mãos, mas ninguém percebe minha ausência, nem mesmo o supervisor, volto para sala, pois lá é certo que serei visto...

### **Fluído II: expressão I**

... e na aula de geografia eis que o professor estava apresentando um vídeo sobre a desigualdade social. O vídeo durou cerca de 20 minutos. Aparentemente todos estavam lá, isto é, seus corpos estavam lá, prestando atenção no vídeo (?). Ninguém conversava e o tema da aula parecia ser promissor. Após a visualização do vídeo, o professor trouxe um outro realizado por alunos de outra escola e publicado no youtube, numa linguagem mais jovem que o vídeo apresentado anteriormente pelo professor. Este outro era composto por imagens fotográficas e que na mesma tomada mostrava o contraste da desigualdade social em duas fotografias, além

---

<sup>2</sup> KAFKA, F. *O castelo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

de textos escritos para problematizar as imagens. Nesse momento a maioria dos alunos palpitava sobre o que estavam vendo, mas o professor estava insatisfeito com o olhar deles para as imagens e, em certo momento pediu para eles observarem atentamente o olhar para o que havia por detrás das imagens, o que aquela imagem podia dizer a mais do que simplesmente a imagem, queria extrair as intensidades em profundidade; e o diálogo fluiu mais ou menos assim:

Professor: gente, vocês precisam enxergar o que há por detrás das imagens!

[Nesse momento aparecia a imagem de uma enchente em alguma favela – provavelmente no RJ - e a outra de um luxuoso *resort* que por dentro das acomodações é possível ver o mar]

Professor: L., o que você enxerga por detrás da imagem?

L.: As montanhas!

### **Fluido III: expressão II**

7:30 da manhã, aula de história da mesma turma de 5º ano sob tema da crise do sistema colonial. O professor se esforça a todo custo para tornar este tema atrativo aos seus alunos. A classe participa, mas tem um ar de interrogação fortemente visível perambulando por ali. Nesse momento ele para a contextualização da crise do sistema colonial para explicar (novamente) os séculos, como é feita a contagem, quando surgiu, como surgiu, como eles podem decorar alguns símbolos e etc. Nesse momento o professor indaga a turma para saber em que século estamos.

Professor: Nós estamos no...?

E dentre os vinte e três alunos da turma, um variante que com toda força e convicção do mundo responde...

F.: Brasil!